

RESENHA BIBLIOGRÁFICA (*).

GAGE' (Jean). — *Apollon Romain. Essai sur le culte d'Apollon et le développement du "ritus Graecus" à Rome des origines à Auguste*. Paris, E. De Boccard, 1955, 741 pp.

E' com prazer todo especial que a *Revista de História* noticia a publicação da tese de doutoramento do Prof. Jean Gagé, tão estreitamente ligado ao ensino de História na Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, onde lecionou durante vários anos, moldando a consciência de pesquisa e de reflexão de muitos e muitos estudantes desta casa. Maior é ainda o prazer por nos sentirmos, ainda que modestamente, já um tanto familiarizados com as preferências, as tendências e o método de trabalho do Prof. Gagé, motivo pelo qual não deixamos de experimentar uma certa ternura, se assim podemos nos expressar, ao tomar contacto com a tese sôbre o Apolo Romano. Seus trabalhos anteriores, entre os quais podemos mencionar, a título de exemplo, a edição das *Res Gestae Divi Augusti*, as *Recherches sur les jeux séculaires* e *A criança da IVa. écloga e sua educação mística*, publicado na *Revista de História*, n.º 17, demonstram que o assunto vinha ocupando desde muito a mente do autor. Tal fato, aliado à massa de erudição revelada por uma primeira vista d'olhos à referida tese, constitui-se num exemplo vivo do que foi, talvez, o mais importante dos ensinamentos entre nós ministrados por Gagé: aquêle, segundo o qual não existem improvisações em trabalho desta natureza, exigindo-se, ao contrário, um longo periodo de reflexão inteligente sôbre os diversos dados do tema escolhido, desenvolvendo-se paralelamente à pesquisa, pesquisa contínua, incansável, alimentando o material a ser elaborado pela mente do historiador. Esta, por fim, após anos de lidar com as fontes e com a literatura secundária, terá construído um edifício próprio, o seu plano de exposição da tese, pessoal, inconfundivelmente pessoal, o coroamento de uma obra, às vêzes de toda uma vida. Interêsse, dedicação e trabalho na busca e na reunião dos dados, a inteligência proporcionadora do laço espiritual que congrega e interpreta os inúmeros elementos assim acumulados, eis o que se apresenta concretamente nos nossos olhos com o *Apollon Romain*. Chama-nos a atenção ainda uma outra interessante circunstância, por prestar-se também a uma série de considerações concernentes à atividade da pesquisa e da elaboração dos trabalhos desta ordem: trata-se dos agradecimentos feitos pelo autor aos Profs. Jérôme Carcopino, Émile Mâle, Albert Grénier, Jean

(*) . — Solicitamos dos Srs. Autores e Editôres a remessa de suas publicações para a competente crítica bibliográfica (*Nota da Redação*).

Bayet, ao primeiro por lhe haver sugerido o projeto inicial da obra, aos restantes por terem-no acompanhado e assistido no decorrer das diversas fases de sua formação e de sua pesquisa; aos senhores Pierre Boyancé e Jacques Heurgon, por lhe terem dado “mais de uma oportuna sugestão”; e à memória de Franz Cumont, a quem, aliás, é dedicado o próprio volume. Ora, lembramo-nos perfeitamente da maneira pela qual o Prof. Gagé se referia a Franz Cumont, especialmente a um de seus trabalhos, *Les religions orientales dans le paganisme Romain*. Sempre nos impressionaram o respeito e o carinho que cercavam estas referências, testemunhos de uma afinidade intelectual, possivelmente pessoal, indícios claros de integração em toda uma tradição de trabalho, de reflexões, ousaríamos mesmo dizer, de aventuras pelo campo da pesquisa e da interpretação dos dados históricos. Dos outros professores mencionados conhecemos as principais obras, às quais fomos, por vêzes, levados por indicação do próprio prof. Gagé. Por fim, “mais de uma oportuna sugestão” de amigos, o que nos faz supor um sem número de trocas de idéias, de conversas, freqüentemente des preocupadas, girando em torno de assuntos da especialidade. Aspectos de vida particular entrosando-se nas atividades profissionais, de modo a não possibilitar uma divisão entre os dois setores. No fim de contas, o mais certo é que, na verdade, não houvesse tal divisão. O intelectual vive em função do seu trabalho, com o qual se identificou, daí a harmonia e o peso dos resultados. Tem à sua disposição um ambiente no qual se integra e, tranqüilamente, mais ainda, espontaneamente, em perfeita harmonia consigo mesmo e com o meio em que vive, trabalha e produz. E’ claro que está sujeito a contratempos e a dissabores de diversas ordens. Mas sua inteligência os supera; sua pessoa pode ser atingida, jamais o seu campo espiritual. Estas, em resumo, as principais considerações sugeridas pelos agradecimentos do prof. Gagé. Interessante se tornaria uma comparação com outra série de considerações: as proporcionadas pelo nosso ambiente, pelas atividades de seus antigos alunos, pela nossa vida universitária em geral. Resultaria daí, possivelmente, um interessante capítulo de história de nossa cultura, tal fôsse o relativo à maneira pela qual os professores das missões estrangeiras agiram sobre nossa formação, quais os resultados desta ação, como o meio a ela reagiu.

Passemos, por fim, a uma rápida exposição das linhas mestras do trabalho em questão. Não há aqui, queremos deixar bem claro, pretensões a um *compte rendu*. Muito tempo, muito trabalho, muito papel exigiria um *compte rendu* à altura do *Apollon Romain*; exigiria, principalmente, uma pessoa em condições de fazê-lo. Quanto a nós, não nos aventuramos além dos limites de uma breve notícia.

Apolo, divindade cuja origem, caráter e o próprio nome são indiscutivelmente gregos, uma vez adotado em Roma, passou por todo um processo de romanização, chegando quase a ser considerado, na época de Augusto, como o mais nacional dos deuses romanos. A explicação deste fato deve ser procurada no desenvolvimento da lenda das origens troianas e nos progressos e metamorfoses do sibilismo. Segundo o Autor, não foi Augusto o primeiro a atribuir grande importância ao culto de Apolo em Roma, pois tal divindade exerceu intensa e profunda influência durante todo o pe-

riodo republicano. Através do colégio *Sacris faciundis*, encarregado de seu culto, Apolo estendeu formas rituais a tôdas as outras espécies de cultos, assumindo, por meio dos Livros sibilinos, o papel de deus Expiador por excelência, agindo eficazmente onde outros deuses ou ritos revelavam-se insuficientes. Tal constatação leva o Autor a tratar do problema das origens do culto de Apolo em Roma, discutindo, então, as possibilidades das hipóteses de Cumes e da Etrúria, pois, sendo indiscutível a origem grega do espírito apolíneo em Roma, resta a determinar-se a região de sua origem, seu caminho e suas diferentes etapas. Inclina-se o Autor para a hipótese etrusca, associada a tendências délficas. As colônias gregas do sul da Itália, de seu lado, desempenharam papel essencial no desenvolvimento do Apolo romano, Cumes entre elas, embora não se lhe possa atribuir um caráter de exclusividade. Tarento teve também grande importância, fato que possibilita ao Autor uma conclusão de relevo para todo o processo de helenização de Roma: significa êle que Roma passou, de modelos quase proto-helênicos, a modelos da Magna Grécia, quase sem ter tomado conhecimento do helenismo clássico dos séculos V e IV, e mesmo sem muito contacto com a civilização propriamente helenística. Através da Magna Grécia, por sua vez, agirão sobre Roma os elementos pitagorizantes, que repercutirão nos círculos políticos romanos responsáveis pelo destaque emprestado às tradições rituais atribuídas ao rei Numa.

Passamos, a seguir, às flutuações sofridas pelo culto apolíneo, flutuações associadas ao próprio desenvolvimento da história da Roma republicana, distinguindo-se, entre elas, um recrudescimento do culto a partir da segunda guerra púnica, em relação com as *gentes* que se pretendiam descendentes do mencionado rei sabino Numa. Na fase final da república, o culto de Apolo começava a servir de veículo à “teologia solar”, paulatinamente destinada a impor-se aos imperadores e a constituir seu principal instrumento de defesa contra a teologia do cristianismo, função para a qual a habitava todo o seu passado grego. No transcorrer de todo o trabalho, conforme as palavras do Autor, “a criação e o desenvolvimento do *ritus Graecus* mantiveram-se no primeiro plano. As conclusões dizem respeito particularmente a êste rito e à sua influência na religião romana, desde o século V a. C. até o início do Império, encarando-se Apolo do ponto de vista da “helenização” da religião romana, agindo a princípio como um deus propiciador da unanimidade social, da fraternidade ao mesmo tempo cordial e religiosa, tão rara nos cultos nacionais romanos, transformando-se, com o decorrer dos séculos, num protetor da vitória romana, ligado à idéia do estabelecimento da paz após a batalha de Actium, vencida por Augusto graças ao seu beneplácito.

PEDRO MOACYR CAMPOS

*

* *

LINS (Ivan). — *Aspectos do Padre Antônio Vieira*. Livraria São... José Editôra. Rio de Janeiro, 1956, 390 pp.

O Dr. Ivan Lins, que já publicou trabalhos importantes de história e de filosofia, tais como *A Idade Média: a cavalaria e as cruzadas*.